



REGINALDO PRANDI E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: 50 ANOS DE HISTÓRIA

Reginaldo Prandi and afro-brazilian religions: 50 years of history

Bryan Henrique Pinto*

Fernanda Cristina Miranda**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

DOI: 10.29327/256659.15.1-18

PRANDI, Reginaldo. *Brasil africano: deuses, seguidores, sacerdotes*. São Paulo: Arché, 2023. 400p.

Em 2006, durante o XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade, realizado pela Associação Latino-Americana para Estudo das Religiões (ALER), Reginaldo Prandi foi convidado a realizar a conferência de abertura, falando sobre as religiões afro-brasileiras, com o instigante título “O que você precisa ler para saber quase tudo sobre as religiões afro-brasileiras”. A conferência foi publicada em forma de artigo na Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB-ANPOCS) em 2007, intitulada “As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia”.

O texto, como o nome já indica, realiza um sobrevoo pela produção de intelectuais que se debruçaram no estudo do vasto universo das religiões afro-brasileiras, partindo de Roger Bastide e Candido Procópio Ferreira de Camargo, ambos com forte influência sobre Prandi, passando pelas contribuições de Renato Ortiz, Yvonne Maggie, Roberto Motta e Peter Fry, entre outros. Contudo, por uma escolha e de modo modesto, Prandi cita pouco

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). Bacharel em Ciências Sociais pela UFSCar. E-mail: bryanhenrique1899@gmail.com

** Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Bauru). E-mail: fernandamiranda.jor@hotmail.com

sua própria produção, se detendo ao processo de reafrikanização do candomblé, algo debatido por ele no livro *Os candomblés de São Paulo* (1991), retomado em *Segredos Guardados* (2005), e sua contribuição para a recuperação da mitologia e do ritual do candomblé: “eu mesmo posso ter contribuído com meu ‘Mitologia dos orixás’ e os livros infanto-juvenis sobre os orixás” (Prandi, 2007, p. 12).

A obra de Prandi é, sem dúvida, basilar para a sociologia da religião e, em especial, para o estudo das religiões afro-brasileiras. O professor emérito da Universidade de São Paulo (USP) tem se dedicado ao estudo das dimensões simbólicas, políticas e ritualistas das religiões afro-brasileiras, e *Brasil africano: deuses, seguidores, sacerdotes* (2023), obra abordada nesta resenha, é fruto dessas pesquisas, “uma espécie de comemoração do meu Jubileu de Ouro de Publicações” e “mostra que muita coisa mudou: fatos, teorias e eu”, como ele próprio caracterizou em uma rede social¹. A coletânea reúne 16 textos publicados no decorrer de 30 anos, alguns em parceria com ex-orientandos, atualmente professores e pesquisadores.

Como na cosmologia dos antigos iorubás, o mundo terreno, o Aiê, e o mundo espiritual, o Orum, são interligados e as oferendas realizadas pelos humanos para os deuses são transportadas por Exu, o deus mensageiro, responsável pelas comunicações entre orixás e humanos - “sempre que um orixá é interpelado, também o é, pois a interpelação de todos se faz através dele” (Prandi, 2023, p. 131) - optamos por iniciar a resenha com Exu.

Prandi argumenta, que no Brasil, como consequência do sincretismo, Exu assumiu outras representações: se de um lado Oxalá foi cristianizado, assimilado à imagem de Jesus, Exu foi jogado ao inferno cristão como o Diabo. Vale destacar que “o sincretismo representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo que pressupõe, antes de mais nada, a existência de dois polos antagônicos que presidem todas as ações humanas: o bem e o mal” (Prandi, 2023, p. 133). Tal processo foi aprofundado com o surgimento da umbanda, e de sua outra face, chamada de quimbanda, em que Exu praticamente perdeu seu status de divindade, passou por certo processo de humanização, se tornando uma entidade espiritual.

¹ Disponível em <https://twitter.com/ReginaldoPrandi/status/1591872997778153472?t=eEa2QRGqReMSz9A7MhfT1A&s=19>. Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

Ao lado de Exu, nesta nova condição, Pombagira faz parte das entidades de esquerda, no universo umbandista, em que, por influência do espiritismo kardecista, as entidades de esquerda são interpretadas como as de baixa vibração. Representada como mulher de Exu ou Exu mulher, ela “é o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro e de toda sorte de prazeres” (Prandi, 2023, p. 102). Pombagira, provavelmente, é uma corruptela de Bongbogirá, nome dado a Exu na tradição banto, por isso sua proximidade com Exu.

Contudo, apesar do processo de sincretismo e mudança dos sentidos e significados de Exu e Pombagira, nos últimos anos, tem havido processo de reafirmação – nomeado pelo autor ao movimento em que terreiros de candomblé buscam reintroduzir rituais, mitos e concepções africanas, “especialmente naqueles terreiros que têm lutado por abandonar o sincretismo católico” (Prandi, 2023, p. 152) – Exu tem retomado o status de divindade, sendo cultuado como orixá mensageiro, protetor dos caminhos, guarda das portas das casas.

Em *Brasil africano*, Prandi também realiza uma retomada histórica da formação das religiões afro-brasileiras. Como nos adianta o título do livro, o autor reconhece a influência dos povos africanos em diáspora na formação de toda a cultura brasileira e se detém nos aspectos que levaram à construção de nossa religiosidade a partir do encontro das manifestações de fé trazidas do outro continente. E, partindo disso, nascem as pesquisas que deram origem aos artigos que posteriormente compuseram este livro. Mais detidamente, ele reconstrói os passos desse encontro de nações que se materializaram em ritos de candomblé em três capítulos.

No capítulo 2, ele mostra que, na década de 1950, a umbanda predominava no espaço urbano, contudo, a partir da migração nordestina para o Sudeste, nos anos 60, o candomblé passou a adentrar o estabelecido território da umbanda, encontrando um local propício para a sua expansão em condições econômicas, sociais e culturais. No capítulo 14 - “Recriações religiosas de África em Brasil”, Prandi mostra as heranças africanas manifestadas na nossa língua, na música, no Carnaval, na capoeira, na culinária e entende que as religiões foram as instituições que melhor preservaram esse rico aparato cultural africano. E retoma Bastide – “a teoria mais completa que se tem a respeito de como uma religião é

transposta de um lugar para outro” – para nos apresentar o candomblé da nação Queto - cultos, tradições, organização do terreiro, mitos, lendas, orixás, hierarquização – na África e no Brasil.

No capítulo 16, Prandi, junto com Luiz Jácomo e Teresinha Bernardo, retoma a trajetória de consolidação do candomblé a partir das pesquisas de mapeamento dos terreiros em São Paulo, registradas em *Os Candomblés de São Paulo*, fala sobre o evento “Escravidão – Congresso Internacional”, realizado pela Universidade de São Paulo em 1988, retoma o debate sobre intolerância religiosa na elaboração da Constituição Federal, promulgada no mesmo ano, especialmente no que tange o sacrifício de animais, resgata a legislação que referendava a perseguição aos terreiros e os números dos casos de ataques aos praticantes das religiões e seus espaços neste século.

O assunto intolerância religiosa, inclusive, volta a ser assunto no capítulo 15, em que Prandi mostra como umbanda e candomblé estão sempre na mira evangélica como “religiões do diabo” que precisam ser combatidas a todo momento, a qualquer custo. “Essas pequenas religiões de origem africana, sempre muito minoritárias, carregam consigo uma grande visibilidade, até mesmo desproporcional ao seu tamanho, devido a sua influência cultural para o país” (Prandi, 2023, p. 384).

Ainda no capítulo 2, Prandi oferece uma explicação sintética sobre as diferentes nações do candomblé queto, angola e jeje, sobre a iniciação na nação queto e um quadro sobre os orixás, demonstrando o aspecto mítico de cada divindade e a influência exercida por eles sobre seus filhos: “cada pessoa pertence a um deus determinado, que é o senhor de sua cabeça e mente e de quem herda características físicas e de personalidade” (Prandi, 2023, p.49). Os orixás são abordados, novamente, no capítulo 8, mas como as representações dos deuses foi se aproximando das formas antropomorfizadas, sendo atribuídos a elas outros sentidos. No Brasil, houve a unificação do panteão dos deuses de diversas etnias e a alteração do modo como as divindades comandam certos aspectos da natureza. Por exemplo, Iemanjá, a divindade do Rio Ogum na África, no Brasil passou a comandar os mares.

O candomblé de caboclo e o culto aos caboclos também são retratados nos capítulos 7 e 10 – o sétimo capítulo é escrito com a colaboração de Armando Vallado e André Ricardo de Souza –, em que os autores abordam a origem do candomblé de caboclo no

culto aos inquices, divindades africanas ligadas à terra. Não havendo deslocamento de tais inquices para o Brasil, os negros de origem banto foram forçados a encontrar outro ancestral para cultuar, daí surgem os indígenas, os caboclos. Na disputa por legitimidade entre as nações de candomblé, o candomblé caboclo foi considerado inferior pelo povo de santo. Contudo, em São Paulo, com a expansão do candomblé nos anos 60, o candomblé caboclo se espalhou por casas de origem queto, jeje e angola. Eles mostram as dimensões ritualísticas do candomblé de caboclo – iniciação, rituais públicos, festividades dedicadas aos caboclos, o fumo para a realização dos rituais e as cantigas em português, diferente das outras religiões afro-brasileiras, que utilizam os dialetos africanos nos cânticos.

No capítulo 10, Prandi argumenta que o culto aos caboclos chegou em diversas regiões do Brasil se estendendo por outras religiosidades, como o tambor de mina, agregando tipos sociais regionais para os espíritos cultuados. É o caso do caboclo boiadeiro, representação dos sertanejos nordestinos e dos marinheiros, elevados à categoria de entidades espirituais. Ele destaca a síntese das religiões afro-brasileiras, catolicismo e espiritismo na umbanda, que apresenta entidades acessíveis e próximas das pessoas que os procuram e menciona a constante evolução das religiões, citando o surgimento e a popularização recente de entidades como os baianos no universo umbandista.

Na sociologia da religião da década de 60, a umbanda e o espiritismo eram categorizados como religiões mediúnicas, conforme Candido Procópio Ferreira de Camargo, e seguem tendo desdobramentos no campo. O primeiro capítulo aborda tal debate, pensando a umbanda e o espiritismo como gradientes caracterizados pelo fenômeno mediúnico. A influência de Camargo na trajetória de Prandi é notável.

Um assunto recorrente nos textos de Prandi é o que ele denomina “processo de hipertrofia ritual das religiões brasileiras”, presente nos capítulos 11 e 12. Na análise do pesquisador, as religiões afro-brasileiras, aqui representadas pelo candomblé, se constituíram em religiões rituais, aéticas e individualistas, sem qualquer imposição de código de controle moral coletivo, como ocorria nas sociedades iorubás Egungum, Ogboni e Orô. Prandi aponta motivos para esse processo de “falência ética” das religiões, dentre os quais estão o fato de que “os candomblés se formaram como empreendimentos individuais, dirigidos segundo a vontade de seus chefes fundadores e fazendo parte de seu patrimônio particular”.

Prandi volta a dialogar com Bastide, pensando o candomblé como um espaço de recriação de uma África simbólica para os negros como forma de resistência ao mundo branco que era de trabalho, escravidão e miséria – nos capítulos 2 e 13 –, mas mostra que o candomblé deixa de ser uma religião de amarras étnicas, raciais e de classes sociais na década de 60, tornando-se uma religião universal. Vale dizer que já na década de 1940 observava-se a presença de brancos na religião. Sendo assim, a umbanda e o candomblé estão no mercado religioso competindo com outras religiões e disputando praticantes, importância social, espaço de poder e legitimidade. Mas, pelos aspectos elencados pelo autor, especialmente a umbanda, não têm passado pelo processo de renovação e têm perdido seguidores, correndo o risco de extinção, segundo as projeções numéricas. “Mudanças internas da religião significam necessariamente perigo para a sua sobrevivência institucional, não implicam apenas separação e ruptura. Ao contrário, quem não muda não sobrevive” (Prandi, 2023, p. 321).

A relação entre corpo, doença e cura no candomblé é abordada por Reginaldo Prandi no terceiro capítulo. Na cosmologia das religiões afro-brasileiras, o axé ocupa lugar central, entendido como força universal, presente em todos os seres vivos. Os humanos devem manter seu axé equilibrado, pois seu excesso ou falta pode resultar em doenças - uma das formas de cura para as doenças é obtida através da manipulação do axé. Por meio do jogo de búzios, as mães e pais de santo recebem o receituário de como tratar os pacientes, sendo a base e agência de cura na religião: “é através do oráculo que o sacerdote identifica a causa do mal e prescreve os remédios necessários, ou para curar, ou para evitar que a mesma coisa aconteça novamente” (Prandi, 2023, p. 83). Prandi demonstra rituais do candomblé relacionados à cura. O ritual do bori, para equilibrar o ori (a cabeça da pessoa), recebe especial destaque.

Ainda sobre rituais, Prandi dedica um capítulo inteiro à importância do ritual fúnebre do axexê, imprescindível para encerrar o ciclo de vida do iniciado da casa ou pai e mãe de santo. É neste ritual que se desfaz o assentamento do ori e os vínculos do orixá pessoal para o qual aquela pessoa foi iniciada e pelo qual se despacha o egum do morto para que ele alcance o orum. Mas Prandi identifica fragilidades na realização deste rito, especialmente em São Paulo, e o principal fato é haver poucos sacerdotes capazes de conduzi-lo.

Diferente da visão ocidental, em que a invenção do relógio no século XVIII se deu para dividir o tempo em períodos produtivos, para os povos africanos o tempo é cíclico: o dia começa quando o sol nasce e termina quando todos se deitam para dormir. Neste sentido, Prandi dedica os capítulos 6 e 9 para pensar a relação entre tempo, hierarquia, iniciação e modo de interagir com o mundo no candomblé. O capítulo 9 – “O candomblé e o tempo”, pensa como os candomblés no Brasil preservam, em certa medida, tal concepção de tempo, não associada ao relógio, mas sim aos preparativos para algo acontecer. No capítulo 6, Prandi descreve os rituais de transe, o comportamento dos santos, a relação do erê, um intermediário entre o filho de santo e o orixá e os papéis sociais do candomblé. O tempo de iniciação de um filho de santo constitui uma das bases da hierarquia: os mais velhos são mais respeitados e seus santos podem desfrutar de privilégios que não se aplicam aos mais novos.

No decorrer de *Brasil africano*, o autor se esforça para compreender as religiões afro-brasileiras, em especial o candomblé, em relação a outras religiões presentes no Brasil, com destaque para o catolicismo e espiritismo. O assunto passa por diversos capítulos, nos quais Prandi argumenta que o candomblé não distingue o bem e o mal do mesmo modo como o cristianismo, pois é uma religião que aceita o mundo como ele é. A diversidade étnica africana trazida para o Brasil por meio da escravização é outro tópico transversal.

A herança deixada pelos povos que conhecemos genericamente como iorubás, nagôs e bantos foi fundamental, pois a partir da religiosidade desses povos se formou “O candomblé jeje-nagô da Bahia, o batuque do Rio Grande do Sul, o tambor-de-mina do Maranhão e o xangô de Pernambuco” (Prandi, 2023, p. 258). Algo que, sem dúvida, diz muito sobre nossa brasilidade, conforme comentou João Luiz Carneiro, editor do livro. Por fim, vale destacar que a obra se encontra esgotada e outra edição deve ser publicada pela Editora Pallas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* (BIB-ANPOCS). São Paulo, n. 63, 2007. pp. 07-30. Disponível em <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/300>. Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

PRANDI, Reginaldo. *Brasil africano: deuses, sacerdotes, seguidores*. São Paulo: Arché, 2023.

SOUZA, André Ricardo de. Reginaldo Prandi. In: LIMA, Jacob Carlos; BOMENY, Helena (org.). *Retratos: sociólogos e sociólogas*. Vol. 1. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021. pp. 228-230.

Recebida em 27/02/2024

Aprovada para publicação em 12/03/2024